

A experiência estética: consciência, linguagem e narrativa

Fernando Fogliano¹

Resumo

A Neuroestética, campo emergente do conhecimento, traz, a partir dos avanços científicos oriundos das neurociências, contribuições importantes no entendimento do fenômeno artístico. O objetivo neste texto é refletir sobre a experiência estética. A experiência consciente, de difícil definição, é um aspecto chave para o entendimento de aspectos do papel da Arte como estratégia cognitiva. A partir de um cenário darwiniano, a questão da estética pode ser considerada para além do campo artístico, constituindo um aspecto chave em nossas interações no mundo. No campo da arte, o prazer oriundo das experiências artísticas considerado sob o ponto de vista da subjetividade, tem na emoção um aspecto chave da experiência consciente. Nesse contexto, linguagem e experiência estão profundamente interligados. A questão da experiência concreta do indivíduo no seu ambiente constitui a base através da qual compartilha e troca com seus pares, por meio da linguagem, experiências subjetivas. A atenção é outro aspecto da experiência consciente importante neste contexto e pode ser relacionada ao incremento da sensibilidade do indivíduo e de seu grupo social para padrões ambientais de regularidade.

Ciências e Humanidades: inevitável encontro (ou confronto).

Ainda pode causar surpresa para alguns, colocar lado a lado campos do conhecimento, ou da atividade humana, distintos ou díspares. Isso acontece mesmo depois do surgimento de campos multidisciplinares do conhecimento como as teorias que exploram a Complexidade. Ganhou importância, por exemplo, a Ecologia e a visão integradora que ela proporciona. A distinção entre os campos do conhecimento é, na visão de Wilson (1999), "artefato da erudição". As ciências naturais fornecem o suporte epistemológico necessário para que se possa debruçar sobre questões, das mais variadas naturezas, a respeito do universo que nos cerca. Uma das consequências desse tipo de abordagem é a necessidade de que se considere o conhecimento como um corpo único e complexo; a percepção de que este constitui um organismo fragmentário constituído por um composto de disciplinas autônomas é ilusória (Fogliano, 2002).

"A confiança na consiliência é o fundamento das ciências naturais. Pelo menos para o mundo material, o impulso tende esmagadoramente à unidade conceitual. Fronteiras disciplinares dentro das ciências naturais

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Professor e pesquisador do Centro Universitário do Senac
E-mail: fernandofogliano@gmail.com

estão desaparecendo, para ser substituídas por domínios híbridos mutáveis onde a consiliência está implícita. Esses domínios estendem-se por vários níveis de complexidade, da física química e química física à genética molecular, ecologia química e genética ecológica. Nenhuma das novas especialidades é considerada mais do que um foco de pesquisa. Cada uma é uma indústria de ideias originais e tecnologia em avanço.” (Wilson, 1999, p.9-10)

A idéia do conhecimento consiliente deveria ir para além das ciências naturais. Esta perspectiva do conhecimento é uma demanda da contemporaneidade.

Historicamente, em especial nas últimas décadas, temos visto a ciência voltar seus instrumentos e métodos de observação para questões que antes somente poderiam ser tratadas através de silogismos e da observação qualitativa dos fenômenos. A Tomografia por Emissão de Pósitrons, por exemplo, abriu enormes possibilidades para os estudos do cérebro. Essa técnica de imageamento permitiu um novo tipo de acesso observacional das dinâmicas funcionais do cérebro, proporcionando um acúmulo sem precedentes de conhecimento sobre o mais complexo órgão do corpo humano. No final da década de 1990, que ficou conhecida como a década do cérebro, os neurocientistas sentiram-se aptos a expandir linhas de investigação como aquelas iniciadas pela escola da Gestalt em 1920, que posteriormente teve contribuições importantes como as de Rudolf Arheim. No século XXI as ciências cognitivas continuaram seu caminho evolutivo dando origem a uma série de linhas de pesquisa e originando novos campos do conhecimento como a Neuroestética (Onians, 2007, p. 07).

Nesse processo de desenvolvimento, novos achados puseram em cheque alguns conceitos, em muitas áreas do conhecimento, de há muito estabelecidos. Lakoff e Johnson (1999, p.03) consideram que as conquistas realizadas pela ciência cognitiva implicam em que mais de dois milênios de especulação filosófica *a priori* encontrem seu final. Devido aos avanços da ciência, a filosofia não pode mais ser a mesma. Para Gibbs (2007, p. 1-13) a separação que se estabelece na filosofia tradicional entre corpo e mente impõe sérios limites aos estudos acadêmicos da vida mental. Platão via o corpo como uma fonte de distração na vida intelectual que necessitava ser erradicada na prática da filosofia. Essa mesma perspectiva pode ser encontrada nos escritos cristãos, quando Santo Agostinho, no século V, referia-se ao corpo como origem do pecado e da fraqueza espiritual.

“A separação entre mente e corpo e a organização hierárquica tendo a mente sobre o corpo assombra a história da filosofia ocidental desde Platão, Aristóteles e Santo Agostinho até Descartes e Kant.” (Gibbs 2007, p. 3)

Para Descartes o fenômeno mental não tem lugar no mundo físico. O filósofo teve de supor a existência de um tipo de matéria a *res cogitans*, indivisível e intangível, para dar suporte à existência da mente, seus pensamentos, desejos e volições. O dualismo cartesiano estabeleceu uma tradição filosófica no ocidente que cristalizou o corpo como um objeto sólido e o *self*, particularmente a mente, de natureza etérea, infundida misteriosamente no corpo. Damásio (1996) vai referir-se ao dualismo cartesiano e à necessidade de superá-lo diante das evidências científicas que demonstraram em que lugar, no cérebro, se realiza o pensamento emocional e sua importante influência sobre a razão. Nos anos 1950,

avanços na linguística, que dependeram do uso de computadores e de complexos *softwares*, permitiram visualizar como processos cognitivos podem ser gerados de formas complexas usando *representações* de coisas externas ao computador. O cérebro pôde ser imaginado em analogia a um computador e, com o auxílio da matemática, desenvolveu, em conexão com a inteligência artificial, conceitos que foram levados para a Psicologia expondo o simplismo da abordagem behaviorista, incapaz de dar conta de todas as complexidades do comportamento humano (Stapp, 1993, p.21).

Uma observação superficial permite considerar que impactos dos novos conhecimentos científicos são melhor suportados quando incidem sobre o próprio campo científico. Contudo quando estão em jogo ciências e humanidades, as dificuldades parecem avolumar-se. Um exemplo emblemático dessas dificuldades pode ser encontrado quando se lê o comentário de Gombrich (2000, p. 17) sobre o artigo de Ramachandran e Hirstein (1999), "The science of art: A neurological theory of aesthetic experience". Em suas considerações o célebre historiador da arte busca desqualificar a opinião dos cientistas afirmando que:

"Para o historiador de arte, é evidente que para os dois autores a "noção de arte" é de data recente, e não compartilhada por todos. Eles clamam: 'o propósito da arte, certamente, não é meramente descrever ou representar a realidade – isso pode ser feito facilmente com uma câmera – mas para realçar, transcender, ou mesmo para distorcer a realidade' (Ramachandran and Hirstein, p.16). Eles não explicam como alguém pôde fotografar Paraíso ou Inferno, a Criação do Mundo, a Paixão de Cristo, ou as escapadas de deuses ancestrais – todos assuntos que podem ser encontrados representados em nossos museus. Também não é correto generalizar a partir de certas convenções indianas de representar-se o nu feminino, do mesmo modo como é para a tradição acadêmica de tomar a Venus de Medici para o mesmo propósito. Mesmo uma rápida visita aos grandes museus poderia servir para convencer os autores de que poucas exposições conformam-se às leis que eles postulam." (Gombrich, 2000, p.17)

Massey (2009, p.18) reflete sobre a resistência entre os campos do conhecimento, que ele sintetiza como um embate entre o "como" e o "por que". O autor busca reconhecer a força e as deficiências de cada campo, reconhecendo como a ciência pode ser mais eficiente no raciocínio analítico, enquanto as humanidades o são quando se trata de sintetizar conceitos. Para isso exemplifica o quanto a neurologia é adequada na localização, no cérebro, dos componentes da experiência estética, mas é deficiente em oferecer uma melhor compreensão da sobre a produção de "A flauta mágica", de Mozart. A neurociência é adequada para conectar certas características dos processos estéticos com eventos específicos no cérebro. Contudo, artistas e espectadores estão engajados na integralidade dos processos, estão interessados na fenomenologia do evento artístico muito mais do que em seus aspectos científicos (Massey 2009, p.19). Não obstante, os artistas estão hoje utilizando sensores de padrões da atividade neuronal na busca de estabelecer vínculos entre as narrativas de suas experiências estéticas com o interator. Este fato nos obriga a perceber o quanto estão imbricados os campos do conhecimento e que avanços científico e tecnológicos reverberam por todas as áreas da cultura e do saber. A busca pelo conhecimento, independentemente da abordagem

metodológica, encontra dificuldades inerentes a quaisquer dos métodos empregados.

Ao reconhecer possibilidades e limitações metodológicas inerentes às ciências e às humanidades, não se está necessariamente considerando a possibilidade de reduzi-las a um denominador comum. Ao contrário, esta diferença entre pontos de vista e métodos deve ser celebrada como um importante aspecto da diversidade de alternativas na busca pelo conhecimento. Celebra-se, portanto, sua irredutibilidade (idem, p. 22). É da maior importância, no entanto, reconhecer a necessidade para o estabelecimento de pontes conceituais entre os campos. Essa busca não deve ser confundida como mero exercício epistemológico, mas como um imperioso que emerge das demandas apresentadas pelas novas tecnologias que nos confrontam, de forma acelerada, com questões, concretas e conceituais, cada vez mais complexas e multimodais. O fato de estarmos nos defrontando com essas questões é um importante sintoma de que mudanças paradigmáticas estão no horizonte dos eventos. Os avanços científicos, principalmente aqueles oriundos das neurociências, e agora da neuroestética, estão no centro daquilo que Bryson (2003, p.19) considera a nova arena do desenvolvimento cultural: "a interface neural". As novas perspectivas proporcionadas pelos avanços científicos permitem-nos considerar os produtos da arte como capazes de acessar diretamente a atividade interna do cérebro com o potencial de criar novas configurações de imagem, espaço e tempo, de forjar novos caminhos no nexo mente/mundo. A experiência da realidade decorre de construtos sociais intersubjetivos e pode ser considerada a partir do ponto de vista de que ela emerge do acionamento coletivo de sinapses neuronais, dos sistemas sensoriais e da consciência, colocando no centro de nossa existência não o significativo, mas padrões neuronais e a ação no meio ambiente.

Experiência estética e linguagem

Kaptelinin e Nardi (2006), na busca por construir um campo teórico integrador para os estudos sobre a relação homem-máquina e a questão da interatividade, discutem a unidade entre a consciência e a atividade. Esta última constitui o cerne de sua Teoria da Atividade que é definida como uma "interação intencional do sujeito no mundo, um processo no qual transformações mútuas entre os pólos 'sujeito-objeto' são produzidas" (idem, p. 31). Apoiados nos conceitos oriundos da escola russa de psicologia, notadamente nas ideias de Vygostky, os autores vão definir o conceito de mente humana com sendo:

"Intrinsecamente relacionada a todo conceito de interação entre seres humanos e o mundo, um órgão de tipo especial, emergindo e desenvolvendo-se para fazer a interação com o mundo bem sucedida." (Kaptelinin e Nardi, 2006, p.37)

A partir dessas considerações pode-se concluir que a consciência emerge das experiências interativas que levamos a cabo no meio ambiente. A ideia de que o corpo e a mente são inextricáveis estão não somente no âmago da filosofia contemporânea, como vimos acima, mas também nas teorias da linguagem. Feldman (2006) ao considerar a base neural para a linguagem busca na experiência subjetiva a ideia de que a linguagem se origina na experiência concreta. Para o autor:

“O pensamento é estruturado na atividade neural. Linguagem é inextricável do pensamento e da experiência.” (Feldman, 2006, p.3)

No contexto da Teoria Neural da Linguagem esta evolui da concretude à abstração (Fogliano e Camargo, 2010). A experiência subjetiva é a base a partir da qual palavras culturais, técnicas, abstratas e conceitos surgem. Neurônios e corpo são centrais nesse processo: pessoas, como sistemas neurais, compreendem ideias abstratas porque esses conceitos são mapeados e ativados em circuitos cerebrais envolvidos na experiência. A metáfora, portanto, não é apenas um truque linguístico ou figuração cultural. Ramachandran e Hirstein (1999) também consideram a metáfora um mecanismo cognitivo fundamental para a produção da linguagem quando a definem como um “túnel” mental entre dois conceitos ou perceptos que parecem dissimilares:

“Quando Shakespere diz ‘Julietta é o sol’ ele está apelando para o fato de que eles são ambos mornos e provedores (não o fato de eles moram no nosso sistema solar)”. Ramachandran e Hirstein (1999)

Através de imagens realizadas com o uso de Tomografia por Emissão de Pósitrons, Ramachandran e Hubbard (2003) descrevem os mecanismos neuronais e as estruturas cerebrais relacionados com a produção da metáfora. O discurso sobre a metáfora e a cultura deu forma a uma mudança paradigmática naquilo que concerne ao nosso entendimento sobre criatividade e aquisição de conhecimento. Desses estudos é possível considerar que a linguagem e a cultura tem seus mais importantes mecanismos de desenvolvimento apoiados na maquinaria neuronal. Experiência, linguagem e consciência emergem da fervilhante atividade dos neurônios e dão forma à realidade, produzem nossa individualidade, os grupos sociais e a todas manifestações concretas e conceituais da cultura.

Compreender a natureza da experiência subjetiva, ou *qualia*, como o termo foi cunhado no âmbito da filosofia, é uma tarefa muito complexa e situa-se além dos objetivos desta discussão. Para a reflexão que aqui se propõe, as idéias de Aleksander (2005) bastarão para que as ideias em jogo nesta reflexão se acomodem coerentemente. Segundo aquele autor, engenheiro envolvido na construção de sistemas computacionais conscientes, a consciência pode ser considerada a partir de cinco axiomas básicos (Aleksander, 2005, p.35):

- De que somos parte distintas do todo, de que existe algo ‘lá fora’. O Self.
- De que a percepção do mundo se mistura com experiências anteriores. A memória.
- De que a experiência do mundo é seletiva e intencional. Intencionalidade e sensibilidade.
- De que somos capazes de pensar sobre as coisas antes delas acontecerem, de forma a podermos tomar decisões. Antecipação.
- De que temos sentimentos. Emoção.

Embora não tenhamos uma definição de consciência, o axiomas acima permitem-nos conhecer que aspectos ela envolve. Isto serve tanto para o desenvolvimento de máquinas conscientes quanto para que possamos aquilatar que aspectos estão presentes nas experiências de que tomamos parte no mundo, bem como a produção da linguagem ou melhor, linguagens e suas formas de articulação – as narrativas.

É importante expandir o conceito de linguagem para além da linguagem falada, a qual nos referimos normalmente quando pensamos no assunto. Para Johnson (2007, p. 210) a cultura ocidental valorizou sobremaneira o valor da palavra e a arte nunca foi considerada seriamente como um modo essencial de engajamento com o mundo subjacente. Podemos tomar essa afirmação e trazer para o campo da linguagem toda forma de engajamento que fazemos com o ambiente? Se assim for, poderemos considerar a teoria da linguagem como um campo unificado de estudos das linguagens das palavras, sons, movimentos e todas as demais formas da expressividade humana como a fotografia, o cinema, a música, o teatro, o design em todas suas vertentes. Nas artes visuais, as imagens e seus padrões, qualidades, cores e ritmos são portadores de significado (Fogliano e Camargo, 2010). Nessa mesma direção Boyd considera que:

“Nossas representações não estão confinadas à linguagem: elas podem envolver ação e objetos ou imagens e música além de apenas, ou tão bem quanto, a linguagem.” (Boyd, 2009, p. 129)

Linguagem e narrativa – Arte e experiência

Boyd (2009) traz interessantes contribuições quando situa a arte no cenário evolutivo onde também estão em cena as ciências cognitivas. Para o autor o entendimento evolucionário da natureza humana começou por reformular várias disciplinas do conhecimento como: psicologia, antropologia, filosofia, economia, história, estudos políticos, lei e religião. Nesse rol pode-se incluir a arte e a mente humana.

“Uma abordagem biocultural para a literatura convida ao retorno da riqueza de textos e a multifacetada natureza humana que eles evocam. Mas também implica que não podemos simplesmente voltar para os textos literários sem assimilar o que a ciência descobriu a respeito da natureza humana, mentes e comportamento ao longo dos últimos cinquenta anos, e considerando que essas descobertas podem oferecer uma abrangente teoria literária.” (Boyd, 2009, p. 4)

A partir dessa perspectiva, a arte pode ser considerada um comportamento, um jogo estratégico projetado para engajar a atenção humana através de seu apelo à nossa preferência para padrões de informação inferencialmente ricos (idem, p.85). É importante sublinhar que atenção é um dos aspectos da consciência e que, neste sentido, podemos considerar que o jogo a que se refere Boyd é, em última instância, uma estratégia para provocar experiências conscientes. Esse jogo se dá num contexto complexo para permitir que mentes socialmente desenvolvidas, especialmente mentes humanas, possam acessar maiores redes de módulos de conhecimento abstrato ou concreto (ferramentas). Este acesso habilita o enfrentamento a novos contextos, a avaliação da informação e a produção de inferências e cenários para a tomada de decisão. Esse processo se dá aparatado por sistemas emocionais, conforme descreve Damásio (1996) em seu livro “O erro de Descartes”. Tais sistemas, como vimos, constituem a consciência que também possui sua história evolutiva na qual a emergência da linguagem protagoniza um papel decisivo. Nesse processo evolutivo o mais complexo não suplanta o mais simples, mas o integra de novas maneiras criando novos contextos, ou níveis de complexidade, que propiciam o desenvolvimento de novas funções (idem, p.48). Esta pode muito bem

servir como uma definição para os fenômenos de emergência e aplica-se da mesma forma à definição de metáfora.

Arte como mecanismo para cooptar a atenção do grupo, oferece um interessante aspecto no entendimento da Arte e como produtor de coesão social.

“Para explicar a arte precisamos considerar a atenção. A arte morre sem ela, como as pessoas desde Aristóteles notaram, ambos dentro e fora da explanação evolutiva. A arte altera nossas mentes por que engaja e reengaja nossa atenção desde os cantos de ninar até o cantarolar distraído. Contudo, a arte nunca foi considerada como tendo evoluído para assumir o papel de ser um estimulador da atenção nas vidas humanas” (Boyd, 2009, p.100).

Ramachandran e Hirstein (1999) ao descreverem a função do exagero na busca do artista por capturar a essência das coisas e produzir no observador um estado de espírito, ou emocional, escreveram:

“Devem haver neurônios no cérebro que representem a forma sensual, arredondada do feminino em oposição à forma angular do masculino e o artista escolheu amplificar a ‘verdadeira essência’ (a *rasa*) do corpo feminino movendo bastante a imagem para o lado feminino do espectro feminino/masculino. O resultado dessas amplificações é um ‘super estímulo’ no domínio das diferenças macho/fêmea. É interessante, nesse contexto, que as primeiras formas de arte são frequentemente caricaturas de uma forma ou de outra, por exemplo, arte rupestre pré-histórica descrevendo animais como bisões e mamutes, ou as famosas figuras de ‘fertilidade’ de Vênus.” (Ramachandran e Hirstein, 1999)

É possível estabelecer um vínculo entre as idéias de Boyd e as de Ramachandran e Hirstein. Uma das melhores maneiras de cooptar a atenção do observador é oferecer-lhe um “super estímulo” capaz de proporcionar-lhe uma rica experiência sensorial. Se assim for, o papel do artista é inventar recursos linguísticos para construir narrativas capazes de produzir estímulos sensoriais e chamar a atenção do grupo para aspectos abstratos, ou concretos, presentes nos embates com o meio ambiente. Na maioria das vezes essa atividade, que faz do artista uma espécie de inventor, está relacionada às técnicas e às tecnologias. As narrativas produzidas no campo da Arte, como consequência do que se considerou até aqui, podem ser vistas como uma estratégia cognitiva na busca por alternativas na construção da realidade.

Considerações finais

O surgimento da neuroestética como área do conhecimento parece apontar para o surgimento de novos paradigmas para a reflexão sobre a produção de conhecimento em vários campos da Cultura. Dentre os campos considerados, os da Arte e do Design talvez sejam daqueles onde haja um grande, senão o maior, potencial para frutíferas reflexões. Ao considerar-se a produção artística sob os novos prismas oferecidos pela neuroestética, cria-se um novo patamar, de maior complexidade, tanto para a produção quanto para a reflexão. Talvez o surgimento desse campo conceitual marque o início do que futuramente poderá ser conhecido como o ponto de inflexão da cultura humana em direção ao século XXI.

Referências

- ALEKSANDER, Igor. **The world in my mind, my mind in the world: key mechanisms of consciousness in people, animals and machines**. Exeter: Imprint Academic, 2005.
- ATAPP, Henry P. **Mind Matter and Quantum mechanics**. New York: Springer verlag Heidelberg, 1993.
- BOYD, Brian. **On the origins of stories: Evolution, cognition and fiction**. Cambridge: The belknap Press of Harvard University Press, 2009.
- DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FELDMANN, Jerome A. **From molecule to metaphor: A neural theory of language**. Cambridge: MIT Press, 2006.
- FOGLIANO, Fernando e Camargo, Denise. "*Linguagem e materialidade na experiência fotográfica*". Texto apresentado no núcleo de fotografia no **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul, RS, 2 a 6 de setembro de 2010.
- _____, Fernando. **Imagem e Ciência sob uma Perspectiva da Complexidade**. Tese de doutoramento apresentada no Programa de Comunicação e Semiótica da pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), 2002.
- GIBBS, Raymond W. Jr. **Embodiment and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- GOMBRICH, E. H. "Concerning 'The Science of Art': Commentary on Ramachandran and Hirstein in **Journal of Consciousness Studies**, vol. 7, no. 8/9, p.17, 2000.
- JOHNSON, Mark. **The meaning of the body: Aesthetics of human understanding**. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.
- KAPTELININ, Victor e Nardi, Bonnie A. **Acting with technology: Activity Theory and Interaction Design**. Cambridge: MIT Press, 2006.
- LAKOFF, George e Mark Johnson. **Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.
- MASSEY, Irving. **The neural Imagination: Aesthetic and Neuroscientific Approaches to the Arts**. Austin: University of Texas Press, 2009.
- NEIDICH, Warren. **Blow-Up: photography, cinema and the brain**. New York: Distributed Art Publishers, Inc., 2003.
- ONIAN, John. **Neuroarthistory: from Aristotle and Ptolemy to Panofsky and Zeki**. New haven: Yale University Press, 2007.
- RAMACHANDRAN, V.S. and Hirstein, William. "*The Science of Art: A Neurological Theory of Aesthetic Experience*" in **Journal of Consciousness Studies**, 6 6-7, pp. 15-51, 1999.

_____, V.S. and Hubbard, E.M. "The Phenomenology of
Synaesthesia" in **Journal of Consciousness Studies** 10 (8): 49-57,
2003.